

IDEOLOGIA DA EXCLUSÃO

MATHEUS DE SOUZA VIATROVSKI; CARLOS ALBERTO CRAVEIRO DOS SANTOS; WILLIAM HECTOR GOMES SOTO

¹Universidade Federal de Pelotas – matheusviatrovski@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – caca_craveiro@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – william.hector@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A categoria excluído não é verificável na prática, na vivência dos chamados “excluídos”(MARTINS, 2002,)

Estas páginas tem por objetivo descobrir a realidade, retirar a mascara ideológica que serve para dificultar a visão do rosto da verdade.

Discutiremos aqui um conceito em voga atualmente, maleável e de uso corriqueiro (para não dizer vago e vazio), o discurso da exclusão será um dos pontos centrais deste trabalho. Adiante buscaremos expor que o conceito de exclusão se enquadra dentro dos limites do conceito de ideologia, tendo ele em si um importante papel ideológico, para isso faremos um resgate histórico das metamorfoses do termo em questão (ideologia).

Para melhor discutir o conceito de exclusão fomos atrás de alguém que sem dificuldade enquadrar-se-á no mesmo, nesta busca encontramos “Fabrício”.

Fabrício também é um dos pontos centrais deste artigo.

Sobre o tema e também o termo “exclusão”, José de Souza Martins adverte:

“Excluído” é apenas um rótulo abstrato, que não corresponde a nenhum sujeito de destino: não há possibilidade histórica nem destino histórico nas pessoas e nos grupos sociais submetidos a essa rotulação. “Excluído” e “exclusão” são construções, projeções de um modo de ver próprio de quem se sente e julga participante dos benefícios da sociedade em que vive e que, por isso, julga que os diferentes não estão tendo acesso aos meios e recursos a que ele tem acesso. O discurso sobre a exclusão é o discurso dos integrados, dos que aderiram ao sistema, tanto à economia quanto aos valores que lhe correspondem. Dificilmente se pode ver nele um discurso anticapitalista, embora ele certamente seja um discurso socialmente crítico.” (MARTINS, 2002,)

Ao considerar “Fabrício” excluído (e quando ele próprio se considerar assim), está se aniquilando qualquer potencial de mudança social que possa existir nele, está se negando a ele a condição de trabalhador, seu papel histórico, julga-se que ele não participa do sistema, torna-o invisível quando de fato ele é um ótimo exemplo de operário do século XXI, porém um dos mais marginalizado dentre os marginais, ocupa um espaço que poderia facilmente ser chamado de

“limbo”, localizado entre o proletariado e o exército de reserva, nem formalmente empregado, como pressupõe-se ser o trabalhador médio, nem totalmente desempregado como é de se esperar dos membros das fileiras do exército de reserva capitalista.

“Operário é classe social; excluído não o é. Operário é uma categoria sociológica substantiva, relativa ao efetivo e objetivo social e histórico, sujeito de contradições, que personifica possibilidades históricas, que é o trabalhador assalariado. Independente de sua vontade subjetiva, o operário tem uma realidade objetiva, ele é um “produto” histórico e, teoricamente, agente privilegiado da história, no momento histórico que lhe corresponde.” (MARTINS, 2002,)

Ou seja, esse discurso onde “Fabrício” seria o retrato perfeito de um excluído termina por se enquadrar dentro do conceito de ideologia, como um conceito que serve à desinformação e figura como importante aliado da burguesia pois acaba por dificultar o verdadeiro entendimento da questão e serve, no fim das contas à um propósito da classe dominante.

Como evidencia Marilena Chauí em seu celebre livro: “O Que é Ideologia”:

“é função da ideologia dissimilar e ocultar a existência das divisões de classes escondendo assim sua própria origem. Ou seja, a ideologia que nasceu da luta de classes para servir a uma classe na dominação.” (CHAUI, 1981,)

E continua...

“A ideologia é o processo pelo qual as ideias da classe dominante se tornam ideias de todas as classes sociais, se tornam ideias dominantes.” (CHAUI, 1981,)

2. METODOLOGIA

Para melhor discutir o conceito de exclusão fomos atrás de alguém que sem dificuldade enquadrar-se-á no mesmo, nesta busca encontramos “Fabrício”.

Fabrício tem 32 anos, uma filha de 9, um irmão mais velho que não vê há anos e que o negou acesso a herança familiar quando sua mãe morreu, consumidor de crack já há mais de 6 anos guarda carros e pratica pequenos delitos para subsistir e sobre tudo pagar a pensão da filha, mora na rua e como proteção leva consigo sempre uma lâmina de corte duvidoso e meia dúzia de cachorros.

Facilmente situado dentro dos limites do conceito de “excluído” Fabrício não está assim a tantas milhas do mercado de trabalho capitalista, mesmo que de modo grosseiramente informal.

Ele existe e também gira a imensa engrenagem do mercado, esta inserido indireta ou diretamente na sociedade; diretamente quando cuida de demandas existentes próprias da sociedade capitalista, como é a questão dos carros por serem estacionados e da flanelagem, indiretamente quando em pequenos delitos faz com que toda uma movimentação econômica surja em diversas áreas a sua volta, seja com a vítima adquirindo um produto novo, ou instalando uma cerca elétrica..

De fato Fabrício existe e está incluso na sociedade, não esta distante da sociedade liberal, ele e um produto da sociedade liberal, o que contraria um discurso que logrou a posição hegemônica, ocupando um lugar no senso comum acadêmico, o discurso da “exclusão”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo em vista que, o discurso de “exclusão” acaba por prestar um importante serviço a burguesia, no que tange a dominação de classes, quando esgota o potencial revolucionário de “Fabrício”, solapando seu papel histórico enquanto proletário, justamente ele que forçadamente vive uma condição propiciada pela estrutura capitalista que o condiciona às piores experiências e á maior das opressões, a fome assim como ás margens, levando isto tudo em consideração facilmente enquadrámos tal discurso como ideológico, nos moldes marxistas do termo “ideologia”, aquele que caracteriza a ideologia como uma inversão da verdade, uma ferramenta fundamental para o domínio de uma classe sobre a outra.

“O sentido pejorativo dos termos “ideologia” e “ideólogos” veio de uma declaração de Napoleão que, num discurso ao Conselho de Estado em 1812, declarou: “Todas as desgraças que afligem nossa bela França devem ser atribuídas à ideologia, essa tenebrosa metafísica que, buscando com sutilezas as causas primeiras, quer fundar sobre suas bases a legislação dos povos, em vez de adaptar as leis ao conhecimento do coração humano e às lições da história.” Com isto, Bonaparte invertia a imagem que os ideólogos tinham de si mesmos: eles que se consideravam materialistas, realistas e antimetafísicos, foram chamados de “tenebrosos metafísicos”, ignorantes do realismo político que adapta as leis ao coração humano e às lições da história.

O Curioso, como veremos adiante, é que se a acusação de Bonaparte é infundada com relação aos ideólogos franceses, não o seria se se dirigisse aos ideólogos alemães, criticados por Marx. Ou seja, Marx conservará o significado napoleônico do termo: o ideólogo é aquele que inverte as relações entre as ideias e o real. Assim, a ideologia, que inicialmente designava uma ciência natural de aquisição, pelo homem, das ideias calcadas sobre o próprio real, passa a designar, daí por diante, um sistema de ideias condenada a desconhecer sua relação com o real.” (CHAUI; 1981, p 24-25)

Através desta citação, contida no livro de Chauí, podemos vislumbrar parte da metamorfose pela qual atravessou o conceito de ideologia, que herdou esta definição que parece mais um eufemismo da palavra “mentira”, sendo caracterizada como uma “inversão da verdade” e também como uma ideia sem relação com a realidade

Essa definição de ideologia surge, como visto acima, após declaração de Napoleão Bonaparte, se voltarmos ainda um pouco mais no tempo veremos que:

“O termo ideologia aparece pela primeira vez em 1801 no livro de Destutt de Tracy, *Elements d’ideologie* (Elementos da ideologia). Juntamente com o médico Cabanis, com De Gerando e Volney, Destutt de Tracy pretendia elaborar uma ciência da gênese das ideias, tratando-as como fenômenos naturais que exprimem a relação do corpo humano, enquanto organismo vivo, com o meio ambiente. Elabora uma teoria sobre as faculdades sensíveis, responsáveis pela formação de todas as nossas ideias, querer (vontade), julgar (razão), sentir (percepção) e recordar (memória).” (CHAUI, 1981,)

4. CONCLUSÕES

Acreditamos ter exposto aqui que o discurso que se serve da categoria “exclusão” é um discurso tão pouco científico, quanto real ou revolucionário, e de fato uma ideologia e que como toda ideologia tem por função servir a classe dominante, seja promovendo uma confusão no entendimento da realidade, resultando assim em soluções confusas para problemas não tão complexos, seja esvaziando o potencial de transformação histórica contido dentro de sujeitos como “Fabrício”, que se encontra tão incluído na sociedade capitalista quanto nós, o que muda é apenas que o lugar no qual Fabrício está incluído é mais próximo da margem do que o nosso, no mar de lama em que todos nadamos Fabrício está um pouco mais perto de afundar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

CHAUI, M. **O Que é Ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1980. 2v

MARTINS, J.S. **A Sociedade Vista do Abismo**. Petrópolis: Vozes..